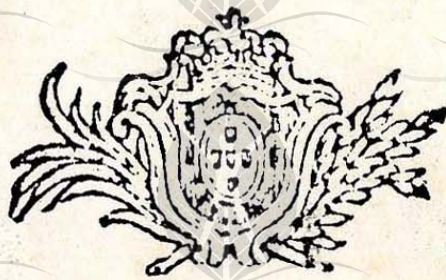


D R A M A
RECITADO NO THEATRO DO PARÁ
AO PRINCIPIO DAS OPERAS, E COMEDIA
NELLE POSTAS PELO DOUTOR
JUIZ PRESIDENTE DA CAMARA,
E VEREADORES,
DO ANNO DE 1793.
EM APPLAUSO
DO
FAUSTO NASCIMENTO
DE
SUA ALTEZA REAL
A
SERENISSIMA SENHORA
D. MARIA THEREZA
PRINCEZA DA BEIRA,
E
PRESUMPTIVA HERDEIRA
DA COROA DE PORTUGAL.



LISBOA. M. DCC. XCIV.

NA OFFICINA DE SINÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral, sobre

1410
comph

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

COLEÇÃO "CULTURA PARAENSE"

Série "Ignacio Moura"



Pará - Belém - 1978

APRESENTAÇÃO

Desde os meados do século XVII, realizaram-se no Brasil, à semelhança do que ocorria na Metrópole, espetáculos teatrais de origem portuguesa ou espanhola para celebrar a ascensão de monarcas ao trono, esponsais e nascimentos principescos ou qualquer outra ocorrência considerada digna de ser assinalada por meio de comédias, entremezes, momos ou loas.

Desse tipo é o DRAMA escrito por José Eugenio de Aragão e Lima, português, natural de Tavira, substituto da cadeira de Filosofia da cidade do Pará, “em aplauso do fausto nascimento de Sua Alteza’ Real a Sereníssima Senhora D. Maria Thereza, princeza da Beira e presumtiva herdeira da coroa de Portugal”, primogênita de D. João e de D. Carlota Joaquina.

Impresso em Lisboa, no ano de 1794, na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, foi oferecido pelo autor a João Pereira Caldas, do Conselho de Sua Majestade, Conselheiro Ultramarino e Brigadeiro do Real Exército,

“em lembrança das mercês e favores recebidos”, e recitado no Teatro do Pará, em 1794, quando era governador do Grão Pará D. Francisco de Sousa Coutinho.

Sendo muito poucos os documentos relativos ao teatro brasileiro no período colonial, o pequeno folheto de 23 páginas, adquirido em 1976 pela Biblioteca Nacional, logo despertou o interesse do Professor Donato Mello Júnior, grande estudioso do passado paraense, que obteve, da Diretora Janice Monte-Mor, cópia dessa raridade bibliográfica e ofertou-a, generosamente, ao CONSELHO DE CULTURA, cujo 10º aniversário se está comemorando.

Incluindo a reedição do DRAMA de José Eugenio de Aragão e Lima no programa comemorativo de seu primeiro decênio de existência, quis o CONSELHO não só divulgar esse livreto, de grande significação na vida cultural do Estado, como, entrelaçando o seu natalício ao centenário do TEATRO DA PAZ, prestar homenagem especial a nossa grandiosa casa de espetáculos.

A supervisão da edição fac-similada, para perfeita fidelidade ao texto e a seus aspectos gráficos, foi confiada ao Conselheiro Inocêncio Machado Coelho, que se desincumbiu do encargo com a competência e o bom gosto que põe em tudo quanto faz. A ele e a Donato Mello Júnior, os nossos agradecimentos, que, sem dúvida, lhes chegarão aos corações com a mesma suavidade do canto com que, nestas páginas quase bicentenárias, se apresenta, enfeitada de conchas e búzios, a nossa despreten-siosa Guajará:

*“As ondas minhas
Na praia dando
Hum som alegre
Vão concertando:
Causa ternura
Seu bater brando”.*

Belém, 19 de junho de 1978.

*Prof.^a MARIA ANNUNCIADA CHAVES
Presidente do Conselho Estadual de
Cultura do Pará*

**UMA RARIDADE
BIBLIOGRÁFICA: DRAMA
RECITADO NO TEATRO DO PARÁ**

Em 1794 um espetáculo incomum foi representado na Casa da Ópera de Belém, dele ficando um registro e não conhecemos outro. Governava o Grão Pará Dom Francisco de Sousa Coutinho (1790-1803).

Ao término do ano de 1976 um folheto raríssimo foi adquirido, entre outras obras, pela Biblioteca Nacional. Ei-lo (1)

“Drama recitado no Teatro do Pará ao princípio das óperas, e comédias nele postas pelo doutor Juiz Presidente da Câmara, e vereadores, do ano de 1793, em aplauso do fausto nascimento de sua Alteza Real a Sereníssima Senhora D. Maria Teresa, Princesa da Beira e presuntiva herdeira da Coroa de Portugal”.

Essa raridade bibliográfica, em folheto de 23 páginas, foi editado em Lisboa, em 1794 na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e censura de livros.

Está ele registrado sob o nº 495.187-c-77 na B.N.

A única referência sobre o mesmo encontra-mo-la em Rubens Borba de Moraes, na sua - **Bibliografia Brasileira** (2), onde lemos:

“This pamphlet is very rare, and is one of the few documents extant about the Brazilian Theatre of Colonial time”. Na sua descrição consta ter 19 p. (conhecemos com 23).

Monteiro Baena, no **Compêndio das Eras**, não tratou desse evento.

Ernesto Cruz, por sua vez, em sua **História do Pará**, no Capítulo - “Administradores do Município de Belém. Senado da Câmara. Câmara Municipal. Intendência e Prefeitura da Capital”, não cita a vereança de 1793, havendo na sua relação um hiato de 1760 até 1795.

Felizmente o livreto, em página especial, relaciona os “Camaristas que concorreram para a representação deste drama e das óperas **Esio em Roma**, e **Zenóbia**, e da comédia a **Beata Fingida**, a que ele serviu de prelúdio”.

A vereança de 1793 era formada pelos:

- a) - Doutor Joaquim Rodrigues Milagres, Juiz de Fora, e Presidente do Senado;

- b) - Capitão Dionísio de Freitas Vasconcelos, da Ordem de Cristo Cavaleiro Fidalgo, Vereador;
- c) - Francisco Caldeira do Couto, da Ordem de S. Tiago, Cavaleiro Fidalgo, Vereador;
- d) - Alferes Francisco José de Sousa, Vereador.

O opúsculo foi oferecido a João Pereira Caldas, do Conselho de Sua Majestade, seu Conselheiro Ultramarino e Brigadeiro do Real Exército, pelo seu autor José Eugênio de Aragão e Lima, originário de Tavira, e professor substituto da cadeira de Filosofia da Cidade do Pará, “em lembrança das mercês, e favores recebidos”

O Drama compunha-se de um ato único dividido em nove cenas.

No início esclarece-se que: - “A cena representará um bosque contíguo à Cidade do Pará, lavada em ambas as suas margens pelo Rio Guajará, o qual quebra a sua primeira direção a vista do Castelo da mesma cidade”.

Os interlocutores eram:

- I - A Ninfa Pará, tutelar da cidade do Pará;
- II - O Gênio, tutelar do Estado do Pará;
- III - Guajará, Rio, que banha a cidade;
- IV - Gênio, Mensageiro da Lusitânia, chamado aqui Mensageiro, para distinção do Primeiro.

Sob o termo “Prostáticas” (sic) relaciona-se:

- a) - Séquito de Ninfas, que vem com a Ninfa Pará;
- b) - Séquito de Índios, que vem com o Gênio do Pará;
- c) - Séquito de Ninfas do Rio Guajará, que vem com o mesmo Guajará;
- d) - Três Gênios mais que trazem os Retratos.

O Drama, um texto típico da literatura de louvação do século XVIII, enaltece, como era de se esperar, D. João, Príncipe Regente, o nosso futuro D. João VI, pelo nascimento da sua primogênita, louvação partida do Grão Pará, como talvez outras mais.

Começaria a representação com uma “alegre

sinfonia”, no fim da qual, com o pano descido, cantariam muitas vozes:

“Chegai, ó povos,
Ninfas, chegai,
As áureas líras
Ledos pulsai
À Real Prole
Louvores dai”.

Logo após levantar-se-ia o pano de boca deixando à vista do público o Gênio Tutelar do Pará, com seus índios, trazendo na mão um cetro que, na sua parte superior, se dividia em dois.

Começa, então, a versalhada louvaminheira, cuja primeira estrofe reproduzimos:

“Este cetro, no fim em dois partido,
Sinal da confluência dos dois rios
Solimões e o Negro, que ambos juntos
Perdem águas, e nome no Amazonas,
Rei dos Rios do Mundo, e deste Estado:
Este cetro jamais foi testemunha
De tamanha alegria, glória tanta!
Ele nunca em meu peito viu pulsar-me.
Com tanta pressa o coração contente”

E o Gênio continua a recitar mais suas estro-
fes com o mesmo enfatuamento, seguindo-se-lhe a
cena II, que é coberta pelo canto do Coro dos Índios,
a cena III, com um diálogo entre a Ninfa, com seu sé-
quito, e o Gênio, trazendo ela nas mãos uma esfera
armilar (“insígnia da Cidade do Pará”).

Em certa altura da declamação, dirige-se ela
ao Gênio, assim:

“Vinde, e comigo animareis as gentes,
que de prazer exultam com a certeza
Do feliz Parto da Real Princesa”.

Na cena IV aparece o Guajará.... “com uma
capela, e cinto de limos, esmaltados de conchas, bú-
zios, etc, e com um grande búzio retorcido na mão,
vem seguido das suas Ninfas” ..., e canta a sua fala.

Já na cena V, numa “vista de salas ricamente
adornadas”, o Gênio Mensageiro da Lusitânia, tra-
zendo um escudo com as armas de Portugal, canta:

“A Lusitânia
A Vós me envia
De alegria
Ó Paranenses (sic),
Que feliz dia!”

O louvamento continua pelas cenas VI, VII e VIII. Na IX, e última,... “Aparecem os retratos num largo pedestal: o da Sereníssima Senhora Princesa recém-nascida no meio, e os de SS.AA.RR., a Sereníssima Princesa D. Carlota, e o Sereníssimo Senhor Príncipe D. João à direita, e esquerda do primeiro”, com legendas na base.

Dos lados dos retratos estavam quatro estátuas: a primeira representava um monarca respeitável olhando benignamente para um guerreiro vestido à portuguesa antiga, do mesmo lado; a segunda um guerreiro vestido ao uso antigo, posto de joelhos perante o seu monarca; a terceira, num lugar alto, reproduzia uma donzela, de roupas cândidas, com um cartaz e um tirso de olmo com uma parra enrolada, e, por fim, outro guerreiro de armas brancas... “arrancando até o meio a espada”

Os Gênios que empunhavam os retratos entravam cantando uma estrofe de louvação a D. Carlota,

e todos os figurantes, em coro, encerrando o espetáculo festivo, cantariam:

“Ver teus filhos, e os netos, que esperamos!...”

No **Compêndio das Eras da Província do Pará**, de Antônio Ladislau Monteiro Baena (Edição UFPa, 1969, p. 205) há uma referência ao autor do Drama, antes comentado.

Martinho de Sousa e Albuquerque, Governador e Capitão-General do Grão Pará (1783-1790): “Remete... à Câmara para sua notícia e registro nos seus livros uma cópia da provisão real de 23 de agosto de 1783 que nomeia José Eugênio de Aragão e Lima substituto da Aula de Filosofia Recional e Física”... Outras solenidades desse tipo devem ter comemorado fastos da realeza, cujos registros não são bem conhecidos, mas há muita literatura de louvação em solenidades nas igrejas, principalmente de origem reinol.

D. MARIA TERESA, PRINCESA DA BEIRA

Foi filha primogênita do Príncipe D. João e de D. Carlota Joaquina. Nasceu em Lisboa a 29 de abril de 1793, falecendo em Trieste no dia 17 de janeiro de 1874.

Como herdeira presuntiva da coroa portuguesa, teve, ao vir ao mundo, o título de Princesa da Beira. Ao que parece, seu nascimento foi festejado na Corte com comemorações expressivas, como tal a inauguração do Real Teatro de S. Carlos, em Lisboa, e no Brasil, entre outras, com os festejos no Teatro do Pará, antes referidos.

Teve como irmãos: D. Antônio Pio; D. Maria Isabel; D. Pedro, Príncipe do Brasil, Príncipe Real do Reino de Portugal e Algarves, Imperador do Brasil e Duque de Bragança; D. Maria Francisca; D. Isabel Maria; D. Miguel; D. Maria da Assunção e D. Ana de Jesus Maria. Acompanhou seus pais em 1808, quando se transportaram para a Colônia. Casou-se no Brasil a 13 de maio de 1810, aos dezessete anos, com D. Pedro Carlos Antonio de Bourbon e Bragança, que, no dia do casamento, foi elevado a almi-

rante-general da Marinha Real Portuguesa, posto que exerceu até a sua morte, pouco depois, ocorrida em 26 de maio de 1812. Do consórcio nasceu o príncipe D. Sebastião, muito bem educado por D. Teresa.

Regressando a Portugal, lá permaneceu pouco tempo, transferindo-se para a Espanha em 1822, onde se imiscuiu em questões dinásticas e políticas, voltando, mais tarde, à sua pátria, para, a seguir, ir morar na Inglaterra, casando-se com seu cunhado e tio Carlos Maria Isidro em Salsburgo, no ano de 1838, para se tornar viúva pela segunda vez em 1855, sem descendência.

Perdeu o título de Princesa da Beira, mas teve ainda os de Duquesa de Madri e Condessa de Mente-molim e de Molina. São os dados de Afonso Zuquete, que dirigiu a obra - Nobreza de Portugal e do Brasil, 1960, Lisboa.

DONATO MELLO JÚNIOR

NOTAS

- 1 - Por especial gentileza da diretora Janice Montemor conseguimos cópia da mesma antes da sua catalogação.
- 2 - V. 1, p. 230
- 3 - V. 2, p. 696 (Edição do Governo do Estado, 1973) e p. 766 (Edição da UFPa., 1963).

OFFERECIDO
AO
ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
JOÃO PEREIRA CALDAS
DO
CONSELHO DE S. Magestade,
SEU CONSELHEIRO ULTRAMARINO,
E
BRIGADEIRO
DO
REAL EXERCITO,
POR
SEU AUTHOR
JOSE EUGENIO DE ARAGÃO
E LIMA,
TAVIRENSE,
SUBSTITUTO DA CADEIRA DE FILOSOFIA
DA
CIDADE DO PARA
EM
LEMBRANÇA
DAS MERCES, E FAVORES RECEBIDOS.

*... A fé, o amor, o esforço, e arte
De Portuguez.*

Camoës. Lusíad. Cant. IV. Est. XV.



Camarillas, que concorrerão para a representação deste Drama, e das Operas *Esio em Roma*, e *Zenobia*, e da *Comedia a Beata Fingida*, a que elle servio de preludio.

O Doutor Joaquim Rodriguez Milagres, Juiz de Fóra, e Presidente do Senado da Camara.

O Capitão Dionysio de Freitas Vasconcellos, da Ordem de Christo, Cavalheiro Fidalgo Vereador.

Francisco Caldeira do Couto, da Ordem de S. Tiago, Cavalheiro Fidalgo, Vereador.

O Alferes Francisco José de Sousa, Vereador.

INTERLOCUTORES.

- I. *A NYNFA PARÁ*, tutelar da Cidade do Pará.
- II. *O GENIO*, tutelar do Estado do Pará.
- III. *GOAJARÁ*, Rio, que banha a Cidade.
- IV. *GENIO*, Mensageiro da Lusitania, chamado aqui 'Mensageiro, para dillinção do primeiro.

PROSTATICAS.

Séquito de Nynfas, que vem com a Nynfa Pará.

Séquito de Indios, que vem com o Genio do Pará.

Séquito de Nynfas do Rio Goajará, que vem com o mesmo Goajará.

Tres Genios mais que trazem os Retratos.

ACTO



ACTO UNICO

A Scena representará hum bosque contiguo á Cidade do Pará, lavada em ambas as suas margens pelo Rio Goajará, o qual quebra a sua primeira direcção á vista do Castello da mesma Cidade.

SCENA I.

No fim de huma alegre Synfonia, e ainda com o panno descido, cantão dentro a muitas vozes.

Chegai, ó povos
Nynfas, chegai,
As aureas Lyras
Ledos pulsai;
A' Real Próle
Louvores dai.

Levanta-se logo o panno de boca, e apparece o Genio tutelar do Pará com os seus Indios. Trará elle na mão hum Sceptro, que na parte superior se dividirá em dois.

GE.

G E N I O .

ESTE Sceptro , no fim em dois partido ,
Signal da confluencia dos dois rios
Solimões , e o Negro , que ambos juntos
Perdem agoas , e nome no Amazonas ,
Rei dos Rios do Mundo , e deste Estado :
Este Sceptro já mais foi testemunha
De tamanha alegria , gloria tanta !
Elle nunca em meu peito vio pulsar-me
Com tanta pressa o coração contente .

Mas huma justa alegria
Não se póde occultar , não ,
Que hum interno prazer d'alma
Põe o peito em convulsão .
Sinto alegre o coração !

Habitantes destes rios ,
Que dividem meus Estados ,
Tocai ledos instrumentos ,
Formai Córos entoados :
São propicios nossos fados . (*)

SCE-

A C T O U N I C O :

9

S C E N A II.

Canta o Coro dos Indios.

Q U E M ha que occulte
Hum grande bem,
Se á face, e olhos
O prazer vem?
Mostra o semblante
Quanto a alma tem.

S C E N A III.

*Sabe a Nynfa trazendo na mão huma
Esfera armillar (insignia da Cidade do
Pará) com o seu séquito de Nynfas. O
Genio virá mais do fundo, com passo
vagaroso.*

N Y N F A.

F E L I C E S habitantes, vesti galas,
Cubri-vos de luzente pedraria,
Entôai altos vivas, nunca tanta
Razão tivestes de mostrar-vos ledos.
Mas quem vejo? Sois vós, tutelar Genio, (*)

* iii

No

(*) Repara nelle.

IO D R A M A.
No Paiz do Amazonas dominante?
Vós sois, sejaís bem vindo.

G E N I O.

Excelsa Nynfa
Tutelar da Cidade e deste Estado
Alma, e cabeça, que do Régio Sólido
As Leis participais, e dais com ellas
A meus dominios todos bens, e vida,
Recebei a menagem, que vos rendo. (*)

N Y N F.

Nobre Genio, a presença vossa agora
Mais que nunca me he grata, os rendimentos
Deponde: em meu aviso vêde hum certo
Indicio da afeição, que por vós tenho.

G E N.

Beato sou com vossas honras, Nynfa.
Mais eis-me aqui, alegre, o voluntario
Dos vossos ao festim assistir venho.

N Y M.

(*) Inclina-se.

ACTO UNICO. SCENA III. 11

N Y N F.

Chegais a ponto, Genio, e o meu recado
Por certo vos achou já de caminho.
Vinde, e comigo animareis as gentes,
Que de prazer exultão co' a certeza
Do feliz Parto da REAL PRINCEZA.
Perto donde chorámos o nefando
Caso do bom JOSE', roubado á vida
Em annos tenros pela Parca dura;
Perto donde os Maiores da Cidade
Tem feito aos Ceos render acções de graças
Pelo Dom, que em MARIA nos concedem;
Perto, digo, dahi ajuntar quero
Nobres, e Povo, Damas, e Donzellas,
Para unidos em honra da PRINCEZA,
Nascida para bem do Luso Imperio,
Darem de hum são prazer festivas mostras,
De fiéis rendimentos misturadas.
Huns logo em rica Scena representem
Altos successos, dignos de cothurno.
Outros em tom mais baixo, mas faceto,
Mostrem acções domesticas, enfim
Os signaes da virtude, e fingimento.
Estes afinem aureos instrumentos,
Toquem sonora tuba, e dem acordes
Aos que danção, calor, e o tempo marquem

Pa-

Para os passos , e saltos regulados.
 O canto de alegria aos ares suba
 C'os vivas dos que applaudem. Eu já cuido
 Que'itou em Scena. Vamos , Genio , vamos.
Querem ir-se , mas

S C E N A IV.

*Sabe Goajard com hum capella , e cinto
 de limos , esmaltados de conchas , bu-
 zios , &c. e com hum grande buzio re-
 torcido na mão , vem seguido das suas
 Nynfas , e canta*

As ondas minhas
 Na praia dando
 Hum som alegre
 Vão concertando :
 Causa ternura
 Seu bater brando.

G O A J.

Salve, ó Numens do Estado tutelares. (*)

Am-

(*) Tendo cantado.

ACTO UNICO. SCENA IV. 13

Ambos.

Salve, ó Rio famoso, gloria nossa,
Goajará, neste Porto dominante.

N Y N F.

Por ti soubemos ambos a noticia,
Que de prazer nos enche, e faz felices.

G O A J.

Nunca concavo pinho foi mais leve
A minha espada, qu'este, onde a certeza
Nos veio do feliz Parto da Regia
PRINCEZA Lusa, em quem as esperanças
De eterna Successão ao Real Throno
Tinha posto o Imperio Lusitano.
A noticia dei logo a vós, e aos Rios
Destes vastos Estados, nelles reina
Huma geral satisfação, e gosto.
A margem minha se vê já coalhada
De Canoas, nem tenho aonde possão
Portar as que inda chegão.

N Y N F.

Vamos todos

Dar

Dar calor ao festim, que se prepara
Em honra das PRINCEZAS, Mãe, e Filha.*

S C E N A V.

Vista de Salas ricamente adornadas. Sabe o Genio Mensageiro da Lusitania, o qual trará no peito, ou em hum Escudo embraçado no esquerdo braço as Armas de Portugal. Canta

A Lusitania
A Vós me envia,
E com mensagem
De alegria.
O' Paranenses,
Que feliz dia!

S C E N A VI.

Sabem a Nynfa, o Genio do Pard, e Gojara com os seus séquitos.

N Y N F.

Que me aguardais, já sei, ditoso Genio, (**)
E

(*) Vão-se com os seus séquitos.

(**) Para o Mensageiro.

ACTO UNICO. SCENA VI. 15

E que da sempre excelsa Lusitania
Mensagem me trazeis, tambem me affirmão.
Dai-me vosso recado, que de ouvir-vos
Estou anciola ; começai ; ouçamos. (*)

MENSAGEIRO.

A fama , que de noite sobre os tetos
Dos Palacios , das casas , e cabanas
Dos Grandes , dos Plebeos , e dos Pastores
Attenta escuta quanto dentro passa ;
Que velóz , e com vô arrebatado
O que ouvio contar vai por toda a parte ,
Seja bom , seja máo , falso , ou verdade ;
Tem dito á Lusitania , que vós tendes
Pelo Parto feiiz , quão desejado ,
Da Princeza CARLOTA , e bom estado
Da Princeza MARIA , honra dos Lusos ,
Dado de hum são prazer festivas môstras.
Affirmou-lhe , que os vossos não põem termo
Aos signaes de alegria , e que apostados
A qual mostrará mais seu zelo ardente ,
Huns apôs outros festas mil preparão. (**)
Isto sabendo a Lusitania invicta
A vós me manda , porque muito louve
Dos

(*) Para os outros.

(**) Espera-se impressa a Relação das muitas e
esplendidissimas festas do Pará , a qui indicadas.

Dos vossos o fervor , e vos entregue
 Os mais dignos presentes , que podia
 Mandar-vos de taes feitos como em premio.
 Consistem nos Retratos das Princezas
 Mái , e Filha , e do Principe Sob'rano ,
 Que hoje rege o Imperio Lusitano.
 Alli'stão c'o pincel mais delicado
 Copiados os rasgos dos semblantes
 Dos mais ditosos Principes desta era.
 Trasluz nelles a gloria , e Magestade
 Dos Monarcas dos Lusos , e d'Hispanos ,
 Alli com lustre novo compiladas.
 Que os guardeis , diz a invicta Lusitania ,
 Para incentivo do amor mais puro ,
 Em que ardeis para os noslos Soberanos.
 Tres Genios , que mos trazem , só esperao
 Licença para entrar , depois de havermos
 Com apressado v'ô traspassado
 Quanto espaço celeste vos divide
 Da Lyfia.

N Y N F.

Que presentes , que thesoiro !
 Quão gostosa mensagem ! De que gloria
 Banhar-me vindes ! Lindo Genio , vamos . (*)
 Encontrar quero os vossos companheiros.
 Vou beijar , abraçar submissamente

Táo

(*) Para o Mensageiro.

ACTO UNICO. SCENA VI. 17

Tão Augustas Imagens. Eu vou pô-las
Em decente lugar, onde os meus possão
Vê-las, e venera-las, e ante ellas
Derramar de prazer copiosas lagrimas.
Vinde todos comigo; alegres cantos (*)
Entõemos em honra daquelle Astro,
Que hora se ergue na Lysia, para lustre
De tantos povos, tão remotos Climas.

GOA J.

Vamos.

GEN.

A gloria nossa he sem medida. (**)

SCENA VII.

*As Nynfas da Cidade, e Rio cantão a
córos alternadamente.*

SACRAS Imagens,
Fiéis traslados,
Que vamos ver,

De

(*) Para os tres.

(**) Vão-se a Nynfa, o Mensageiro, Gojará, o
o Genio com os seus Indios.

De tão amados.
 Originaes ;
 D'almo prazer
 Vós nos banhais. (*)

S C E N A VIII.

Sabe o Genio do Pard.

G E N

Nunca, he bem certo, eu já o disse, nunca
 Prazeres taes , ó peito meu , provaste ! . . .
 Que lindos géstos , quão augustas faces !
 Deveras não podia a Lusitania
 Mandar-nos mimo igual , se este não fora ,
 Nem mais a tempo do que veio agora ! . . .
 A Nympfa do Pará tem dado ordem ,
 Que os Retratos dos Principes Augustos
 N'hum amplo Pedestal já se colloquem.
 Quatro Estátuas lhes manda pôr dos lados
 Com Disticos mui proprios , e expressivos
 Do Genio da Nação Lusa , e caracter ,
 Que fez notaveis sempre os Portuguezes.
 Dos nossos Soberanos o Paterno
 Amor para os Vassallos huma indica ;
 A outra o filial amor dos Lusos

Pa-

(*) Vós se .

ACTO UNICO. SCENA VIII. 19

Para os Monarcas seus; a obediencia
Provada já do mundo em toda a parte
Est'outra lembra, a quarta o denodado
Valor com que os mais duros inimigos
No mar, na terra batem, domão, vencem.
Decorações tem nobres, e allusivas
A tão altos emblemas, e conceitos.

SCENA IX., E ULTIMA.

Apparecem os Retratos n'hum largo Pedestal: o da Serenissima Senhora Princeza recom-nascida no meio, e os de SS. AA. RR. a Serenissima Senhora Princeza D. CARLOTA, e o Serenissimo Senhor Principe D. JOÃO á direita, e esquerda do primeiro. Estes dois ultimos terão na base, em que descansão, dois grandes pedaços de alambre. Por baixo de todos estes estarião estas Inscriptões, que dos lugares em que se põem, se vê bem a qual Retrato correspondem.

*Da paz dos Lusos
Certo penhor*

NON VI

SED VIRTUTE.

Dos lados dos Retratos se verão quatro Estatuas. A primeira n'hum lugar eminente á direita, representará hum Monarca respeitavel, olhando porém com modo, e ar favoravel, e benigno para hum gentil Guerreiro, vestido á Portugueza antiga, que lhe fica da mesma banda. Por baixo

E

*E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis, que a mais
obriga.*

Camões. Lusíad. Cant. IV. Est. LXXVIII.

A segunda representará hum Guerreiro, vestido ao uso Portuguez antigo, olhando, posto de joelhos, de hum lugar mais inferior, e da mesma banda do Pedestal, para o seu Monarca, com mostras de respeito o mais fiel. Ler-se-ha por baixo

*He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.*

Camões. Lusíad. Cant. IV. Est. LXXIX

A terceira da parte esquerda, no lugar mais alto, será huma Danzella, vestida de roupas brancas candidissimas, levando com veneração á frente hum Cartaz, em que se lerá por sóra: *Por ElRei*; e na mão esquerda terá hum thirso de olmo com hum parra muito viçosa enrolada nelle. Por baixo estés versos

*Tinha por valor grande, e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.*

Camões. Lusíad. Cant. II. Est. LXXXV.

A quarta figura da mesma parte, e mais abaixo, mostrará hum Guerreiro Portuguez, vestido de armas brancas, arrancando até o meio a espada. Por baixo se lerá

Ven-

ACTO UNICO. SCENA UNICA. 21

*Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos ao meu Rei forem contrarios.*

Camões. Lusíad. Cant. IV. Est. XXIX.

Do lado direito estarão a Nynfa, e o Mensageiro, e do esquerdo Gojará, e dahi a pouco o Genio do Pará. Os Indios d'elle, as Nynfas, e os tres Genios, que trouxerão os Retratos, se dividirão por huma, e outra banda. (*) A Nynfa Pará canta

A Real Próle
Recem-nascida
Por largos annos
Goze da vida.
Cresça depressa,
Seja esposada;
De lindo Filhos
Ande cercada:
Viva Princeza
Tão sublimada!...

*Acabando ella, os dois Genios; isto he, o
do Pará, e o Mensageiro cantão*

Da paz dos Lusos

Cer-

(*) Sinco vezes se representou este Drama no Pará, e nunca appareceo esta vista, que não fosse vivissima, e geralmente applaudida. Pôzemos as reflexões, que se podião aqui fazer.

D R A M A.

Certo penhor,
D'Africa, e d'Asia
Vivo esplendor,
Do Brasil nosso
Gloria, e Amor

Sejão teus dias
Tão venturosos
Quanto ditosos
Para a Nação
Os de CARLOTA
Vemos, que são!....

Logo immediatamente canta Goajará.

Golfinhos do mar,
Pois me obedeceis,
Contai lá no Têjo
Quanto vós sabeis.

Dizei que o Pará
Trasborda em prazer,
E que Goajará
Mais não pôde ter.
Golfinhos, golfinhos,
Inda estais a vêr!....

Os

ACTO UNICO. SCENA UNICA. 23

*Os tres Genios , que trouxerão os Retra-
tos cantão*

Sejão teus dias
Tão venturosos ,
Quanto ditosos
Para a Nação
Os de CARLOTA
Vemos que são !

N Y N F.

Salve-te o Ceo , Princeza ; e que possamos

Todos.

Ver teus Filhos, e os Netos , qu'esperamos ! . .

F I M.





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA